

Ferenczi, *uma clínica a partir do traumático*

Rosa Maria Gouvêa Abras

Resumo

Ferenczi foi um dos principais colaboradores e divulgadores da obra de Freud. Trabalhava principalmente com os chamados “pacientes difíceis”, os psicóticos, *borderlines* e psicossomáticos. Reintroduziu na psicanálise a questão do trauma através do viés da sedução causando grande polêmica na sua época.

Palavras-chave

Introjeção, Trauma, Confusão de línguas, Desmentido.

Ferenczi era húngaro, judeu, médico clínico e neuropsiquiatra. Foi criado em um ambiente culturalmente rico porque seu pai era livreiro e editor. Participou dos mais importantes movimentos sociais e políticos da sua época, inclusive a favor dos homossexuais.

Em 1909 adere à psicanálise trazendo para esta disciplina seu rigor teórico e sua investigação criadora. Tornou-se, então o mais importante colaborador de Freud e seu incansável divulgador. A cura foi sua principal questão. Sua ética, o compromisso com o sofrimento humano.

Em 1909 ele escreve *Transferência e introjeção* e, logo em seguida, *O conceito de introjeção* (1912). A introjeção seria o modo de funcionamento normal do psiquismo humano. As introjeções são movimentos libidinais que, a partir do autoerotismo e do princípio do prazer, englobam os objetos trazendo para o Ego traços desses objetos que se tornarão verdadeiras matrizes identificatórias. É a partir dessas matrizes que o Ego vai investir novos objetos alargando, assim, sua esfera.

A transferência será vista como criação introjetiva e não mais como simples repetição de conteúdos. Analista e análise serão criados por esse tipo de mecanismo. A introjeção é a forma de funcionamento psíquico, e a projeção, sua defesa.

Logo em seguida, Ferenczi escreve *O desenvolvimento do sentido da realidade e seus estágios* (1913). É a partir da sua onipotência original que a criança vai se confrontar com a malícia das coisas. A criança faz uso das alucinações, dos atos e dos pensamentos mágicos para enfrentar a realidade. A simbolização vai sendo adquirida na medida em que puder abrir mão desses mecanismos e nunca será uma realidade como tal, mas plena de sentidos e fantasias graças ao mecanismo de introjeção. Nesse momento, é necessário um adulto que a acompanhe para que a realidade seja introjetada paulatinamente segundo a capacidade de simbolizar. Devemos lembrar que a introjeção é um processo de subjetivação.

Nesse momento, podemos perceber uma forte influência no futuro pensa-

mento de M. Klein e Winnicott.¹ Se a realidade tiver de ser incorporada à força e totalmente sem um adulto que a filtre e conheça as necessidades da criança, terá um efeito desestruturador para o Ego infantil; conseqüentemente, um evento traumático. Durante o período alucinatório, período dos atos mágicos e período de onipotência do pensamento, os objetos serão introjetados gradualmente, digeridos enquanto imaginação, e suas propriedades serão anexadas e atribuídas ao próprio Eu.

Segundo momento

A partir da introdução da noção de pulsão de morte, a obra de Ferenczi adquiriu um novo alcance. A intensidade traumática presente nas interações entre o Eu e o meio ambiente passa a ter no próprio corpo uma dinâmica irreprimível. As pulsões, que têm sua fonte somática reafirmada na nova teoria, definem sua natureza em um confronto radical e irremediável. Utilizando-se desse novo referencial, Ferenczi introduziu em sua nova teoria a ideia de que a desintração e a intrincação das pulsões, em movimentos oscilatórios de ruptura e ligação, agem como motor do funcionamento psíquico.

A partir do texto *A negativa* (FREUD, 1925) Ferenczi utilizou a noção de denegação para introduzir a questão da afirmação do desprazer, que se faria por uma dupla ação psíquica: a primeira, a negação do objeto enquanto ausente, através de expulsão da percepção de uma exterioridade. O que é idêntico ao Eu, num primeiro momento, é bom; o que se diferencia é mau e deve ser cuspidado. Num segundo

momento, realiza-se a negação dessa primeira negação, resultando numa afirmação da existência do objeto enquanto ausente do Eu, transformado em objeto do desejo. No plano da clínica, a descoberta da pulsão de morte veio trazer a luz sobre os mecanismos de estagnação e repetição.

Autorizado por Freud, Ferenczi vai criar uma nova técnica, a *Técnica ativa* (1919), que tenta dar conta desses momentos em que a análise não prossegue. É preciso que o analista faça algo para cortar o curto-circuito do gozo autoerótico e trazer à tona os fantasmas subjacentes. A técnica ativa não vinha substituir a técnica padrão, mas ajudá-la naqueles momentos de estagnação. Assim que as fantasias eram liberadas, voltava-se à técnica clássica de recordação e interpretação. A técnica ativa era um dispositivo que incluía sugestões, injunções e proibições feitas pelo analista e que o paciente deveria seguir tanto dentro como fora das sessões.

Vamos dar dois exemplos de como isso funcionava. Ferenczi tinha uma paciente muito inibida que desejava muito cantar; ela se queixava dessa limitação com frequência. Um dia Ferenczi lhe disse que se levantasse do divã e cantasse um trecho de uma ópera. Viu então que ela tinha uma voz belíssima. A paciente voltou para o divã, e começaram a surgir os fantasmas de competição com a irmã. Resolvida a questão fantasmática-conflituosa, a paciente passou a cantar nos saraus de Budapeste.

Outro exemplo interessante daquele momento foi o da “mulher de pernas cruzadas”. Ferenczi notou que ela sistematicamente mantinha as pernas cruzadas e sugeriu que ela descruzasse as pernas nas sessões. Fantasmas masturbatórios surgiram então. Em seguida, ele sugeriu que em casa, isto é, fora das sessões, quando estivesse lendo ou costurando, não cruzasse as pernas. Como resultado, novas fantasias de cunho sexual vieram à consciência da paciente, fantasias que

1. Autores como M. Klein, Winnicott, Laplanche, Piera Aulagnier sofreram forte influência de uma ou outra fase da teoria ferencziana, mas essa dívida simbólica nunca foi paga. Acreditamos que a obra de Ferenczi só foi retomada mais tarde, pois, enquanto prevaleceu o poder de Ernest Jones na direção da IPA, sua contribuição teórico-clínica foi mantida no esquecimento, mais do que isso, considerada extravagante e até mesmo psicótica.

foram interpretadas e remetidas à cadeia simbólica da análise.

Mais tarde, ele faz a crítica da técnica ativa (1926). Conclui que os efeitos eram meramente sugestivos e que o analista corria o risco de assumir uma posição de pai autoritário ou mestre-escola. O que também decepciona Ferenczi nessa técnica é que ele esperava o aparecimento da transferência negativa, mas os pacientes se mostravam mais submissos e dependentes.

Em 1928 Ferenczi escreve *Elasticidade na técnica analítica*, artigo considerado luminoso por Lacan ([1955] 1998). Nesse texto, Ferenczi fala do “tato”, da capacidade que o analista deve ter de interpretar no momento correto. O analista deve ir junto com o seu paciente, mas se retirar e fazer sua “higiene pessoal” antes de interpretar. Essa noção de higiene pessoal do analista está no cerne do que futuramente será denominado de contratransferência.

Enquanto os analistas do seu tempo se preocupavam com a análise das resistências, Ferenczi vai dizer que a resistência está do lado do analista. As resistências narcísicas dos analistas impedem que o paciente prossiga. Os momentos de impasse na análise se fazem quando a passividade e a compulsão à repetição do paciente se encontram com a resistência narcísica do analista. Ferenczi vai propor que o analista se deixe surpreender, que escute o novo e não se refugie na hipocrisia profissional (“isso não me atinge”) defendida por um silêncio ostensivo ou interpretação abusiva.

Ferenczi vai deslocar a tônica para as dificuldades pessoais do analista, autorizando, assim, os trabalhos que serão produzidos posteriormente sobre a contratransferência. “A resistência é do analista”, diz Ferenczi (1987, p. 335), frase que será retomada por Lacan mais tarde.

Todas as mudanças na técnica promovidas por esse autor tinham como sustentação sua preocupação com a cura e a certeza de que a análise não deveria

ser cômoda nem para o analisando, nem para o analista.

Terceiro momento

Nos últimos anos de vida, já afastado de Freud e da instituição que ajudou a criar, Ferenczi vai escrever três textos que vão tentar dar conta das questões levantadas pela sua clínica de pacientes difíceis: os psicóticos, os somatizadores e os *bordelines*. Muito do que ele vai produzir é o resultado da sua “clínica de pacientes difíceis”.

No texto *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1929), ele fala daquelas crianças que, por não serem desejadas, têm mais propensão a ficar doentes e morrer.

Em *Análise de crianças com adultos* (1931), ele diz que a interpretação deve ser dirigida à criança que existe no inconsciente do adulto e suas questões sobre a sexualidade.

O momento inovador vem com o texto *Confusão de línguas entre adultos e crianças* (1933). É a partir do trauma que Ferenczi vai reintroduzir a questão da sedução em psicanálise. Esse texto não tem a autorização de Freud, que tenta impedir sua apresentação em congresso. Freud pede que Ferenczi saia da sua ilha de fantasia com seus bebês imaginários e volte ao combate dos homens. Ferenczi se recusa a ser presidente da IPA e leva em frente suas pesquisas sobre o trauma.

O que caracteriza o trauma para Ferenczi? É algo da ordem de um excesso, do não traduzível, que vai colocar em cheque o mecanismo de introjeção.

Em um primeiro momento a criança se aproxima de um adulto com a linguagem da ternura, não genital. O adulto, que não precisa ser um louco, mas perdeu por um momento a razão, abusa dessa criança. A criança vai se aproximar de outro adulto para que a experiência seja traduzida. Esse adulto horrorizado exige que a criança desmintasua percepção; é como se tudo não passasse de uma fabulação infantil. A percepção não autorizada não pode

pertencer à cadeia psíquica: ela cinde o Ego. Impedida a introjeção, o sentimento de culpa do agressor será incorporado totalmente no núcleo do Superego. Ocorre a identificação com o agressor.

Ferenczi trabalhou duas modalidades de traumatismos: aqueles que são exigência de trabalho para o psiquismo e produzem representações como o complexo de Édipo e a castração, e aqueles que impedem que essas representações se façam. Existem marcas traumáticas que não chegam a ser representadas simbolicamente, e delas só se tem sinais, indícios, que se tornam visíveis pela compulsão à repetição. Caracterizam-se por não pertencerem a nenhum sistema de significações que lhes garanta uma comunidade com outros conteúdos psíquicos, pois não passaram pela palavra, não foram afirmados, negados, nem mesmo recalçados. O traumatismo desestruturador não se realiza num devir, mas está sempre presente no corpo e sempre ausente das representações. Apresenta-se nos sonhos de angústia, nos sintomas das neuroses traumáticas, nos traços de caráter como hábitos irreduzíveis, no agir compulsivo dos psicóticos, na repetição das neuroses de destino e na reação terapêutica negativa.

Em *Confusão de línguas entre adultos e crianças* (1933) Ferenczi definiu a confusão de línguas como aquilo que pode causar um trauma patogênico. A sexualidade infantil se organiza como linguagem da ternura, um sistema em que a função se dá por um princípio de saciedade das pulsões parciais, autoeróticas. O prazer infantil é lúdico, é um fazer de conta, que representa a compreensão que a criança pode ter da sexualidade dos adultos. Na medida em que não tem acesso ao registro dessa sexualidade, a criança interpreta as demandas de amor dos adultos segundo o alcance do seu próprio código de significações. A sexualidade adulta, por seu lado, se organiza num outro registro, já sujeita ao recalçamento e às interdições culturais.

Ferenczi definiu o registro especial da organização libidinal, nomeada por ele como linguagem da paixão, que funciona compulsivamente e não reconhece a existência do outro enquanto sujeito e desejante.

A confusão de línguas é o trauma psíquico. Na abordagem ferencziana, não se reduz à ocorrência de uma violência sexual real exercida por um adulto sobre uma criança. Um amor excessivo ou castigos exagerados e sem razão podem ser atos que correspondam a um abuso.

A desilusão normal do ser humano com os seus modelos ideais se faz gradualmente. Na situação traumática, a criança não pode mais contar com o adulto, pois ele, que deveria protegê-la, atuando como figura reguladora, não cumpriu essa função; ao contrário, ele que deveria ser o guardião dos interditos é o próprio transgressor. A violação de uma criança, seja de que ordem for, significa a transgressão de um tabu, uma lei fundamental da cultura. Ao fazer isso, o adulto abandona a criança a uma realidade cuja ordem foi quebrada, e ela não pode mais buscar nele seus parâmetros. A confusão de línguas é a confusão de leis, pois aquele que devia ser o mediador dessa lei coloca-se fora do seu alcance.

Para Ferenczi, o desmentido é a causa do trauma gerando defesas patológicas, tais como a autotomia, cisões e despersonalizações.

O que propõe Ferenczi frente a esses pacientes traumatizados? É função do analista não repetir as figuras paternas traumatizantes; o analista deve ser uma presença reparadora, que sustente a repetição e deve sempre evitar o risco da dominação e práticas pedagógicas para não tomar o lugar do mestre a ser seguido.

Teresa Pinheiro (1995, p. 111) afirma:

Trata-se de construir a cena do trauma, que perdeu a voz e tornou-se pura sensação corporal. Cabe ao analista emprestar a sua própria fantasia e

construir uma versão para o que não tem memória nem palavra.

Sempre preocupado com a questão da cura, Ferenczi vai interrogar os critérios para um final de análise. Ele pensa que uma análise deve ter um final natural com total liquidação das marcas do Outro. Nada restaria do traumático. Sabemos a resposta de Freud em *Análise terminável e interminável* (1937). No final de uma análise sempre há a rocha da castração. Para Freud, Ferenczi estava pedindo demais... φ

FERENCZI: A CLINIC FROM THE TRAUMATIC POINT OF VIEW

Abstract

Ferenczi was one of the main collaborators and promoters of Freud's work, dealing mostly with the called "difficult patients"; psychotic, borderline, and psychosomatic cases. He reintroduced into psychoanalysis the issue of trauma through seduction which was very polemical at the time.

Keywords

Introjection, Trauma, Languages mixup, Denial.

Referências

BIRMAN, J. (Org.). Sândor Ferenczi: escritos psicanalíticos (1909-1933). Tradução Jorge Bastos e André Telles. Rio de Janeiro: Timbre/Taurus, 1987.

FERENCZI, S. *Diário clínico* (1932). São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERENCZI, S. Reflexões sobre o trauma (1932). In: *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, v. 4, 1992.

FIGUEIREDO, L. C. *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta, 1999.

FREUD, S. Análise terminável e interminável (1937). In: _____. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 231-270. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).

FREUD, S.; FERENCZI, S. *Correspondência - 1908-1911*. Rio de Janeiro: Imago, v. I, Tomo 1, 1994.

FREUD, S.; FERENCZI, S. *Correspondência - 1912-1914*. Rio de Janeiro: Imago, v. I, Tomo 2, 1995.
KATZ, C. S. *Ferenczi: história, teoria, técnica*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LACAN, J. Variantes do tratamento-padrão (1955). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 325-364.

PINHEIRO, T. *Ferenczi*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

Revista *Percurso*. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, Ano VI, n. 10, 1993.

Recebido em: 20/01/2014

Aprovado em: 20/03/2014

Endereço para correspondência

Rua Alagoas, 1270/301 - Savassi
30130-160 - Belo Horizonte/MG
E-mail: <rosa.abras@gmail.com>

SOBRE A AUTORA

Rosa Maria Gouvêa Abras

Psicóloga. Psicanalista. Especialista em psicologia clínica. Sócia do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.

